**A Caixa de Acreditar**

.. “ Na neblina da convalescência, rodeado pelas empoeiradas bonecas de Remédios, o Coronel Aureliano Buendia evocou na leitura dos seus versos, os instantes decisivos da sua existência. Voltou a escrever. Durante muitas horas ao lado dos sobressaltos de uma guerra sem futuro, traduziu em versos rimados as suas experiências na corda da morte. Então os seus pensamentos se fizeram tão claros que os pode examinar pelo direito e pelo avesso. Uma noite perguntou ao Coronel Gerineldo Marquez: \_ Diga uma coisa compadre, por que você está brigando? \_ Por que há de ser, compadre? \_ Respondeu o coronel Gerineldo Marquez. \_ Pelo grande partido liberal. \_ Feliz é você, que sabe disso, eu de minha parte, só agora percebo que estou brigando por orgulho. \_ Isso é ruim. \_ Disse o coronel Gerineldo Marquez. \_ O Coronel Aureliano Buendia se divertiu com o seu sobressalto. \_ Naturalmente. \_ Disse. \_ Em todo caso, é melhor isso que não saber porque se briga. \_ Olhou nos olhos e acrescentou sorrindo.

\_ Ou brigar com você por alguma coisa que não significa nada para ninguém.” ...

( Cem Anos de Solidão – Gabriel Garcia Marquez )

O que é que importa à árvore, se você vai gostar da fruta? Não é por isso que ela trabalha, o motivo dela pra fazer a fruta tão doce, seja lá qual for, é anterior, essencial, primário, como a fome, o frio e a arte.

O artista se expressa movido por uma necessidade essencial, primária, anterior à necessidade de sobreviver no mundo cão, uma necessidade anterior ao dinheiro, às cidades, religiões, deuses, uma coisa feito a necessidade da árvore de fazer aquela fruta bem doce.

Artista é um tipo de gente que nasce com um dom, um dom que é ao mesmo tempo dom e sina, porque artista é um jeito de ver, o artista não escolhe viver como artista, ele tem que viver como artista porque ele vê o mundo como artista. “ O olho é a candeia do corpo.”

No primeiro dia deu tudo errado, acordei cedo e saí antes da casa acordar, minha bicicleta era toda adaptada, instalei uma garupa na frente e outra atrás, percebi que quando tem peso na garupa da frente, o jogo do guidom fica pesado, sempre que ia subir a ladeira da caixa d’água, ficava esperando o sinal abrir pra segurar na janela de algum ônibus, a gente sempre fazia isso, mas nesse dia o guidom estava pesado, quando o ônibus puxou, a força do braço não deu pra dirigir a bicicleta, coisa rápida, tive que escolher se largava o ônibus ou a bicicleta, larguei a bicicleta, firmei a mão no ônibus e entrei pela janela, os passageiros ficaram assustados de vêr alguém embarcando pela janela com o ônibus em movimento, pedi pro motorista parar no primeiro ponto que eu ia descer, desci peguei minha bicicleta, amarrei tudo meio de qualquer jeito, voltei pra casa, quando cheguei ninguém tinha acordado ainda, foi como se nada tivesse acontecido.

Hora do jantar, cada um no seu lugar, nessa época a família todo dia se reunia, por força da rotina, na mesa pra jantar. O carro do meu irmão batera máquina, meu irmão estava explicando pra gente que pra ficar bom mesmo, precisaria fazer retífica, mas isso custaria um dinheirão, por isso a solução era fazer um “gatilho” que o mecânico explicou, dessa maneira o carro aparentaria estar bom por mais um tempo suficiente pra ele vender. Falei que não adiantaria nada porque o problema ia se manifestar na mão do novo dono. A família sempre tratou esse tipo de comentário como a gente tratava, quando era criança, os menores que queriam entrar na brincadeira, mas ainda não tinham tamanho pra isso, a gente dizia que era “café com leite”, pode brincar, mas não conta, essa conversa evoluiu pra economia dos países, meu pai fez uma comentário sobre economia em âmbito nacional, explicou que o Brasil precisava exportar mais do que importar pra manter favorável o equilíbrio da balança comercial, falei que isso também não fazia sentido, que era o mesmo caso do carro de motor batido, dizer que um país precisa exportar mais do que importar, equivale a dizer que pra um ganhar o outro tem que perder, como se fosse aquela brincadeira das cadeiras onde não tem lugar pra todo mundo, sempre alguém vai sendo excluído até só haver um vencedor. ( \* Capra )

No dia seguinte saí de novo enquanto a casa ainda dormia, dessa vez só botei coisa leve na garupa da frente, pretendida chegar até uma casa que minha avó tinha perto de Araruama, já tinha feito essa viagem muitas vezes, mas dessa vez era diferente, minha bicicleta estava muito pesada, aquele dia de viagem foi estupidamente mais cansativo do que sempre tivera sido, cheguei absolutamente esgotado, passei 3 dias em Araruama tomando fôlego, recuperando as forças, escolhendo a direção que ia tomar.

De bicicleta a estrada passa um quilômetro de cada vez, cada ladeira te pergunta se você sabe mesmo o que está fazendo.

Pedalava, me afastava, meu pensamento se repetia, evoluía de maneira cíclica, como a roda da bicicleta, rodando no mesmo lugar como minha bicicleta e eu na estrada andando de vagar.

Teve um concurso naquela época do ensino fundamental, na aula de redação pra criar uma frase comovente, convincente, comunicativa com interesse de evitar acidentes de trânsito, a frase que ganhou foi “NÃO CORRA, NÃO MATE, NÃO MORRA”, achei muito boa, direta, simples, forte, fácil de ler rápido e assimilar, a minha frase era boa também, mas era mais poética, mais subjetiva, menos direta, mais longa, sei lá, aminha era “NÃO FAÇA DA ESTRADA O CAMINHO PARA O FIM”, não lembro se tinha premiação.

Já tinha viajado de bicicleta muitas vezes, mas dessa vez era diferente, dessa vez era sem destino. Os primeiros passos são sempre marcantes, a bicicleta anda de vagar e gente repara em tudo, lembro que reparava muito nas coisas da estrada, percebia as plaquinhas de quilômetros, o nome das cidades, as placas de sinalização, de repente tinha uma placa escrito assim: “NÃO FAÇA DA ESTRADA O CAMINHO PARA O FIM”, era a minha frase, como podia aquilo? Minha frase tinha perdido no concurso, não fui classificado nem premiado, estavam usando minha frase sem me falar. Teria alguém pensado a mesma frase que eu? Já tinha visto minha frase, veria ainda outras vezes na estrada. Às vezes penso se existe no abstrato uma caixa de onde as pessoas tiram as ideias e duas ou mais pessoas podem tirar a mesma ideia, como as descobertas que acontecem em pontos diferentes do planeta, por pessoas que não tiveram contato. Não era a primeira vez que isso acontecia, tem umas frases que eu inventava ou achava que inventava que apareciam em filmes e propagandas, uma vez vi uma frase minha num filme que foi feito antes de eu nascer, como se houvesse um lugar no abstrato de onde as pessoas tiram as ideias, e pessoas diferentes poderiam tirar a mesma ideia, como se o sem forma fosse palpável. Sempre dei importância às frases, algumas frases carregam as ideias com tanta magia que a própria ideia se adapta à frase.

Meu pensamento tão meu, levava comigo guardado do lado de dentro de mim, dentro da cabeça, a caixa de acreditar que era eu que pensava as coisas da minha cabeça, andando por aí, na boca dos outros.

Lembro bem que meu pensamento percebia que não pensava, meu pensamento achava que só refletia, então não importava se eu fosse pro norte ou pro sul, o que importava era ir pra longe, bem longe, até meu pensamento deixar de só refletir e começar finalmente a pensar .

Subia aquelas ladeiras imaginando o que teria depois de cada uma, quando chegava lá em cima dava pra ver, depois de cada ladeira, sempre tem mais ladeira, como se a mensagem profunda da estrada fosse na verdade rasa, superficial, nada além dessa simples constatação de que depois de cada ladeira tem sempre mais ladeira, imaginava se alguém no abstrato assistia aquele ínfimo “biciclonauta”, pedalando no absurdo, subindo ladeira sem destino, virando pra qualquer lado, pro lado que virasse o gavião, porque de bicicleta o que importa são outras coisas, a gente presta atenção no sol queimando na pele, na chuva pesando na roupa, no vento empurrando pra trás, nos espaços vazios do mundo que não aparecem no mapa, no piado e direção que voam os gaviões, nas coisas do caminho que não dá pra ver quando a gente passa de carro. De bicicleta a gente sobe as ladeiras e olha pras pessoas lá na cidade, amontoadas nuns pontinhos do mapa, como todos os insetos em volta da luz, a estrada a gente vê como os escuros do céu, onde não tem estrela, onde não tem inseto, onde não tem gente. fugir era a minha maneira de enfrentar, minha maneira de escapar.

Enquanto pedalava, refletia, tentava pensar, os carros passavam rente, correndo, descreviam uma coreografia ensaiada, cada um que corria mais que o outro, enfileiravam-se, alguns se aproximavam do carro da frente, davam seta, tomavam a pista da esquerda, ultrapassavam, davam seta pra direita e voltavam pra fila, todos ao mesmo tempo, do mesmo jeito, os carros dançavam naquela mesma coreografia, o balé da ultrapassagem.

Concentravam-se nas cidades, nos engarrafamentos, nos feriados, tantas filas, todos na mesma hora, todos numa corrida, pedindo e dando passagem, como formigas carregando folhas pro formigueiro, parando

Cada um tinha um pensamento, que era parecido com o pensamento do outro, todos os pensamentos formavam uma bolha, que quase dava pra ver, o “compreensôr”, uma bolha com forças de coesão e de repulsão entre a compreensão da cabeça de cada um, como se fosse uma cabeça de todo mundo, um pensamento coletivo, uma bolha comprimindo a compreensão de cada um nos limites da compreensão coletiva.

Quando parava em algum comércio da beira da estrada depois de pedalar muito, ao por o pé no chão, estranhamente a força do pé não aguentava o peso do corpo, o pé adquire um tipo de propriedade que é como se o ser humano estivesse se adaptando a uma nova forma de movimentar-se, como se pedalar passasse a ser natural do corpo e andar passasse a ser estranho e quando alguém falava comigo, depois de tanto não falar, aquela voz fosse um som que vinha de outro lugar, tanto em sonoridade quanto em conteúdo.

Eu que já não tinha o juízo perfeito, imaginava se quem falava comigo era um pessoa, ou se quem falava comigo era a estrada usando a boca daquela pessoa.

Tinha um cara exibindo uma pele de onça, contando a história de como a tinha caçado, com um monte de gente em volta escutando, aí o caçador pegou a atenção das pessoas como se fosse o foco de uma lanterna no escuro e jogou em cima de mim, isso foi muito estranho. Ele disse que não tinha vantagem nele caçar onça, o pai e o avô dele também caçavam, o que tinha vantagem era o que eu estava fazendo, duma coisa diferente do que meus anteriores fizeram.

Quando ele fez isso, foi como se a estrada estivesse conversando diretamente comigo, as pessoas faziam perguntas pra mim, como repórteres fazem pro autor do gol decisivo depois de um jogo de futebol, era a primeira vez e por isso eu ainda não sabia, mas ainda daria muitas entrevistas ao longo da estrada e as perguntas erram sempre as mesmas, como se tivessem combinado:

- Ta indo pra onde ?

- De bicicleta ?

-Quantos quilômetros ?

-E quando fura o pneu ?

Ei dizia que estava indo pro norte, que não tinha um destino certo, que andava mais ou menos 100 quilômetros por dia, as vezes mais, às vezes menos, carregava uma câmera de ar sobressalente, era mais fácil e rápido trocar a câmera de ar do que remendar o furo, além disso, na estrada tem basatante bo